

## PRIMEIRAS EDIÇÕES DAS OBRAS DE SILVA ALVARENGA

Rubens Borba de Moraes

É curioso notar como a bibliografia de nossos autores clássicos do período colonial ainda apresenta deficiências. A explicação talvez se encontre no pouco caso que nossos intelectuais dispensam à pesquisa bibliográfica. O bibliógrafo no Brasil é visto com o mesmo olhar superior e desdenhoso com que os cirurgiões transplantadores de órgãos vêem os cirurgiões-dentistas... até o momento em que sentem dor de dentes.

Um caso típico é o de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, cujas obras foram publicadas em fins do século XVIII e nos primeiros anos do seguinte. Na minha **Bibliografia Brasileira do Período Colonial** (São Paulo, IEB/USP, 1969), revelei, quase dois séculos depois de publicada, a existência desconhecida de uma edição da **Heroida Theseo a Ariadne**, a primeira. Todos os autores que trataram da obra de Silva Alvarenga afirmavam que esse poema tinha sido impresso pela primeira vez no **Parnaso Brasileiro** de Januário da Cunha Barbosa, no Rio de Janeiro, em 1829. Ora, a **Heroida** foi publicada, pela primeira vez, num folheto de sete páginas, sem folha de rosto, sem nome do autor, em Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, em 1774. Foi impressa, pela segunda vez, no terceiro tomo do **Almanak das Musas**, em 1793, e enfim no **Parnaso Brasileiro** (segundo caderno).

As duas primeiras edições de **Glaura** apresentam dúvidas até hoje. A primeira ficou desconhecida até fins do século passado. Inocêncio (vol. 6, p. 6) diz que foi publicada em 1798. Brito Aranha (vol. 16, p. 226) corrige a data para 1801; Sacramento Blake repete Inocêncio sem pestanejar. Joaquim Norberto de Souza e Silva publicou as **Obras Poéticas** de Silva Alvarenga (Rio, Garnier, 1864), precedidas de uma biografia (a melhor que se fizera até então), e uma bibliografia do autor. Estava ele tão convencido de que a primeira edição era a de 1801 que criticou Simonde de Sismondi por citar a edição de 1799: "Engana-se quando diz que as poesias eróticas foram publicadas em 1799; a única edição que se fez de **Glaura** foi em 1801". Essa confusão toda está hoje esclarecida. A primeira edição apareceu em Lisboa, na oficina Nunesiana, em 1799, em um volume de 248 páginas. Se não há dúvidas de que a edição de 1801 é a segunda, ainda há confusão e incertezas quanto à sua descrição.

Afonso Arinos de Melo Franco preparou uma edição de **Glaura** com a bibliografia do autor, uma bibliografia de suas obras e um interes-

sante juízo crítico. Foi publicada pelo Instituto Nacional do Livro, como vol. 16 de uma coleção, **Biblioteca Popular Brasileira**, que, infelizmente, não foi por diante. Na bibliografia corrige enganos de autores anteriores (inclusive a mancada de Joaquim Norberto), mas faz uma certa confusão ao descrever a segunda edição. Teve, porém, o mérito de notar pela primeira vez uma correção no texto: Diz: “A edição de 1801 parece ser reimpressão da de 1799, conforme se verifica da comparação entre elas, tendo sido mudada apenas a folha de rosto, com alteração da data, e na pág. 9, terceira estrofe, a palavra **pezares** que passou na edição mais nova a **prazeres** em corrigenda infeliz. Isto se terá dado com alguns exemplares, conservando outros a data primitiva”. Diz, se o entendi bem, que a edição de 1801 é uma reimpressão da de 1799, com a alteração de uma palavra e nova página de rosto, mas que poderiam existir exemplares datados em 1799 com a correção dessa palavra.

Na minha **Bibliografia Brasileira do Período Colonial**, procurei dar uma bibliografia a mais completa que me foi possível fazer então e descrever minuciosamente as primeiras edições da obra de Silva Alvarenga. Para tanto, vali-me dos exemplares de minha coleção e consultei os poucos que me faltavam nas bibliotecas de Portugal. Tenho por esse autor especial interesse, não tanto pelo poeta, mas pelo “filósofo ilustrado” do século das luzes, o fundador da Sociedade Literária, o possuidor de notável biblioteca, cujo catálogo inédito publiquei e comentei em **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial** (Rio, L. T. C., 1979). Pesquisando o caso da segunda edição de **Glaura**, comparando diversos exemplares, examinando a composição tipográfica, cheguei à conclusão de que a edição de 1801 é uma nova edição, e não uma reimpressão da primeira de 1799. O texto foi recomposto inteiramente e, fato importante, foi feita uma divisão do livro em duas partes. Aceitei na época a hipótese de Afonso Arinos que houvesse alguns exemplares datados de 1779 com a correção da palavra. Expliquei o fato: “É possível que existam exemplares encadernados com folhas de uma e outra edição, como acontecia frequentemente com livros impressos pelo mesmo tipógrafo, em datas muito próximas. É preciso lembrar que os livreiros até aquela época recebiam das tipografias os livros em folhas sem dobrar. À medida que iam precisando de exemplares para a venda, mandavam para a encadernação as folhas que formavam um volume. Acontecia que uma folha, por uma razão ou outra, extraviada ou enxovalhada, era substituída pelo livreiro por outra da mesma marcação, porém de outra edição. No caso de **Glaura**, a substituição era tanto mais fácil quanto a composição não variava de folha a folha e tinha sido feita com tipos da mesma família e corpo”. Estava eu satisfeito com esse comentário, tanto que o publiquei na **Bibliografia** que mencionei. Tão satisfeito, aliás, que o resumi na minha **Bibliographia Brasiliana: Rare Books About Brazil**, editada pela Universidade da Califórnia, Los Angeles, e, Livraria Kosmos em 1983, 2 vols. Acontece

que adquiri posteriormente em Lisboa, por acaso, um belíssimo exemplar da segunda edição, de 1801, com as folhas por contar, em brochura. O exame desse exemplar leva-me a rever tudo quanto escrevi e publiquei.

A descrição e o comércio que faço agora são os seguintes: a colocação da edição de 1801 é igual à primeira de 1799 até a p. 127. Ao pé dessa p. vem a palavra **Fim**. Na p. seguinte ( 129 ) vem impressa no meio ( como se fosse uma p. de meio título ) o seguinte: **Glaura: Poemas Eróticos de hum americano. Segunda parte**. Na p. seguinte, numerada 128, o texto continua com o **Amor irado. Rondó XXXIV** e vai até a última p. numerada 248 e, ao pé, a palavra **Fim**. Todos os cadernos têm oito folhas, salvo o h, que tem nove, sendo a nona folha a que traz impresso o meio título que mencionei. É evidente que essa folha foi adicionada ao caderno com o propósito de dividir a obra em duas partes. Em alguns exemplares é visível a colagem da folha suplementar. Os franceses chamam essa folha adicionada ou suprimida de um caderno, de **carton**; os ingleses, de **cancel**.

Há outras diferenças entre a edição de 1799 e a de 1801; na p. 9, terceira estrofe, a palavra **pezares** impressa na primeira edição foi mudada para **prazeres**, na segunda, como notou Afonso Arinos. Não é, porém, a única diferença que existe. Há outras: na p. 13, no primeiro verso da segunda estrofe, a palavra **horizonte** ( na primeira edição ) saiu, na segunda, com a gralha **horizonie**. Na edição de 1799, na folha preliminar ( a III ) que contém o seguinte meio título **Glaura: Poemas Eróticos de hum americano**, este está impresso entre dois pares de filetes, um antes, outro depois. O traço superior é grosso, o de baixo é fino. Na edição de 1801, o traço grosso é muito mais espesso que na edição de 1799. Convém notar, enfim, que ambas as edições têm a mesma disposição do texto na página e foram compostas com tipos da mesma família e corpo. Entretanto, as páginas não apresentam o mesmo aspecto. Na edição de 1801 a composição dá impressão de ser mais composta e, em alguns exemplares, parece que os tipos levaram mais tinta ou tinta mais preta.

É possível que haja mais diferenças no texto entre uma e outra edição, pois não fiz um confronto da obra inteira. As diferenças apontadas parecem-me suficientes para provar que a edição de 1801 foi feita com uma nova composição do texto. Não é a edição de 1799 com nova página de rosto e algumas correções no texto. Trata-se de uma verdadeira segunda edição.

Como disse acima, o exemplar que adquiri ( é possível, até provável, que existam outros ) é da edição de 1801 com todas as características que notei, mas não tem a folha suplementar dividindo a obra em duas partes. O texto segue ininterruptamente, exatamente como na primeira edição. A p. 128, que está em branco nos exemplares comuns, está numerada 128 e contém, como na edição de 1799, o rondó XXXIV, **O amor irado**, que na edição de 1801 está na página erradamente numerada 128, quando deveria ser 130.

Tudo me leva a crer que esse exemplar datado de 1801, sem a folha suplementar dividindo a obra em duas partes, seria de uma primeira tiragem feita antes da divisão da obra. Não me parece despropositada a hipótese seguinte: a primeira edição de **Glaura** foi pequena, como acontece até hoje com primeiras edições de livros de poesia. A venda, entretanto, foi boa, e o editor resolveu publicar uma segunda edição. Assim foi feito com as correções que indiquei, mas, feita a tiragem, o editor, por razões impossíveis de se saber hoje ( talvez por razões comerciais, podendo aumentar o preço da venda ), resolveu dividir a obra em duas partes, ou dois volumes, como anunciou na **Gazeta de Lisboa** de setembro de 1801 ( segundo suplemento ): “Sairão à luz: Obras poéticas de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, natural do Rio de Janeiro, debaixo do título de **Glaura** ou Poemas eróticos de hum americano, não inferiores à **Marília de Dirceu** de Thomaz Antônio Gonzaga, 2 volumes: seu preço 480 rs. Vendem-se em Lisboa na loja da Gazeta; e em Coimbra no livreiro Manoel Pedro de Lacerda”.

A divisão em duas partes foi feita numa segunda tiragem, formando dois volumes ou partes. As edições de **Glaura** são portanto duas: a primeira em 1799, cuja tiragem podemos supor tenha sido pequena dada a raridade dos exemplares, cuja existência confundiu os bibliógrafos do século passado. A segunda edição saiu em 1801 e teve duas tiragens: a primeira com o texto seguido e a segunda tiragem com o mesmo texto, porém, com uma folha adicionada dividindo a obra em duas partes.

São essas as observações que posso fazer no momento sobre essas tão discutidas edições.

Mas não são somente as duas primeiras edições de **Glaura** que apresentam problemas bibliográficos.

O poema herói-cômico **O Desertor** teve duas edições. Uma delas impressa em Coimbra, na real oficina da Universidade, em 1774, e a outra sem indicação de lugar de publicação, sem ano e sem nome de tipografia. A página de rosto dessa edição traz o título impresso no meio da página: **O Desertor. Poema herói-cômico por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Na Arcádia Ultramarina Alcindo Palmireno.** Somente essas palavras e nada mais. O texto do poema é igual ao da outra edição datada de 1774, com o **Discurso sobre o poema herói-cômico** abrindo o volume e dois sonetos no fim. A obra tem 66 páginas numeradas. O fato de o pequeno volume, na verdade um folheto, não trazer nenhuma das indicações usuais do lugar da publicação, nome da tipografia e data presta-se a dúvidas. Todos os que escreveram sobre a bibliografia de Silva Alvarenga, de Varnhagen a Afonso Arinos, cometeram enganos ao comentar essa edição. Quando teria sido impressa? Seria essa edição a primeira ou a segunda? Essas perguntas e outras mais ficaram até há pouco sem resposta.

Inocêncio diz que a considerava a segunda edição, mas sem dizer por quê.

Tentando estudar o caso, consultei muitos exemplares. Tive diversos até encontrar um em perfeito estado que conservo. Todos tinham 66p. salvo um, encadernado e em mau estado, que, em seguida à p. 66, tinha uma folha em branco.

Há poucos anos adquiri em Lisboa um exemplar com as 66 páginas, porém, com uma folha final no reto na qual há o seguinte título impresso no meio: **Mondegueira Poema Strambotico que ao senhor Alexandre Bernardo Rodrigues Poda Estrella Fixa da Rua das Fangas oferece Antonio Castanho Netto Rua.** Essa folha faz parte, incontestavelmente, da brochura, pois pertence ao caderno H, como de pode verificar no exemplar que adquiri e que falta nos demais exemplares comuns com 66 páginas. Esse fato prova que **O Desertor** foi publicado conjuntamente, no mesmo volume, com a **Mondegueira**.

Inocêncio revela-se que Antonio Castanho Netto Rua é o pseudônimo de Francisco Manoel Silveira Malhão, conhecido em seu tempo de estudante de Direito em Coimbra como Malhão Velho. Não dispondo de recursos para se manter, costumava mandar imprimir seus versos satíricos e vendê-los aos colegas e admiradores. Malhão Velho teve seu tempo de notoriedade. Teófilo Braga em seu livro **Filinto Elysio e os dissidentes da Arcádia (Porto, 1901, p. 469/70)**, trata do poeta. A **Mondegueira** foi publicada em 1788, dizem os autores.

Estavam, portanto, em parte respondidas as questões. Tinha razão Inocêncio quando dizia que considerava essa edição “por segunda”, e estava eu redondamente enganado quando escrevi que não sabia por que essa edição era tida como segunda.

Mas não sou eu o único a possuir um exemplar com a folha de título da **Mondegueira**. O professor Heitor Martins, notável pesquisador de nossa literatura colonial, possui outro, também adquirido em Lisboa e no mesmo conhecido livreiro-antiquário sr. Alfredo Cassuto. Em 1976 Heitor Martins publicou um artigo, cujo conhecimento tomei só há pouco, em que esclarece, como eu já fizera em parte, e em silêncio, os vários aspectos desta segunda edição de **O Desertor**. Esse precioso artigo aparece agora reunido com outros num livro que publicou em novembro de 1983: **Do Barroco a Guimarães Rosa (Belo Horizonte, 1983)**, páginas 67 a 73.

Com os mesmos dados chegamos às mesmas conclusões. Há um ponto, porém, que me parece digno de maiores pesquisas. É o fato de o livro ter aparecido sem a inevitável licença da Mesa Censória. O professor Heitor Martins acha que Malhão Velho, não tendo dinheiro para pagar os devidos emolumentos à censura, publicou a obra sem as licenças

necessárias. A explicação é razoável, mas, se Malhão Velho assim procedeu, incorreu em graves penas, além do risco de ter toda a edição confiscada. Heitor Martins acha que “as datas extremas ( da publicação ) devem ser 1777 e 1778, a primeira por ser o ano da chegada de Silva Alvarenga ao Brasil e a segunda porque, em 1789, o Malhão Velho abandonara Coimbra”.

A importância do estudo de Heitor Martins não está somente na solução de um problema bibliográfico, mas no fato de a segunda edição de **O Desertor** aparecer em contrafação por um estudante de Coimbra com outro poema heróico-cômico. Diz ele: “A importância ideológica desta segunda edição de **O Desertor** é maior que um mero expediente econômico de Malhão Velho. Saindo a público durante o período de desgraça do Marquês de Pombal, o poema indica a existência de um núcleo de resistência que não aderiu nem se rebaixou ao reacionarismo que toma conta de Portugal e do Brasil após a queda do grande ministro. Neste sentido, ela se localiza na mesma linha de **O Reino da Estupidez** ( 1782 ). A reedição de uma obra que fora, em sua época, aprovada pela censura... e que de certa maneira criticava o sistema que se reinstalava novamente na Universidade de Coimbra, não deve ser considerada levemente... O fato de **O Desertor** ainda encontrar leitores e provocar interesses — caso contrário, o Malhão Velho não se daria ao trabalho de publicá-lo — demonstra que há uma continuidade de espírito ‘progressista’ em Portugal e que alguns de seus melhores representantes são brasileiros. O ‘pombalismo’ de José Basílio da Gama e Silva Alvarenga mantém-se durante os anos de Francisco de Melo Franco e José Bonifácio de Andrada e Silva. Enquanto Gonzaga, Cláudio, Alvarenga Peixoto e outros conspiravam pela independência em Minas Gerais, em Portugal há o mesmo espírito vivendo nesta colônia brasileira que se forma à sombra clandestina do que sobrevive à **débaçle** do Marquês de Pombal...”

Esses argutos comentários de Heitor Martins mostram quanto é importante a pesquisa bibliográfica para poder-se avaliar com critério a repercussão de uma obra e o seu significado além do mérito literário.

Em bibliografia, porém, nada é definitivo. Não existe bibliografia absolutamente completa; estamos, como nas ciências, em astronomia, por exemplo, à mercê de novas descobertas. A diferença, entre outras, está no fato de que para descobrir novas estrelas, astros e galáxias é preciso muito dinheiro. A pesquisa bibliográfica fica mais baratinha. Talvez por isso seja menos sensacional e os bibliógrafos, como disse, sejam tidos em pouca conta.

A pesquisa bibliográfica não é uma ciência, é somente uma técnica útil para os estudiosos que a ela devem recorrer. Antigamente era arrolada junto com a Diplomática e a Sigilografia como ciências auxiliares da História. A bibliografia é simplesmente um instrumento de tra-

balho, uma ferramenta, uma gazua que facilita a abertura de portas para a visão e inteligência do passado. Muitos estudiosos brasileiros de hoje, porém, não se interessam por esse tipo de ferramenta. As que utilizam são teorias, os modelos, os moldes nos quais encaixam os acontecimentos históricos. Para o estudo do passado preferem utilizar uma teoria em voga que tudo explica ao seu modo, tudo resolve e, até, excomunga os adversários.

Estará morrendo a bibliografia no Brasil? Estaria ficando somente um **hobby** de bibliófilos? Para quem é útil hoje em dia? Para alguns eruditos somente? Espero que não.

( De Cultura, supl. de "O Estado de S. Paulo", 14/10/1984 )